

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)

18 abr 2017 | O Globo

CLARISSA PAINS clarissa.pains@oglobo.com.br RENATO GRANDELLE renato.grandelle@oglobo.com.br

Rio é a capital com mais diabéticos e hipertensos

Obesidade avança 60% em dez anos no Brasil e aumenta doenças crônicas

Cada vez menos gente consegue se exercitar ao ar livre no Rio, alerta especialista

O Rio é a capital com o maior percentual de diabetes e hipertensão. Quase um em cada cinco brasileiros tem uma doença grave, mas muito negligenciada: a obesidade. Nos últimos dez anos, o número de obesos aumentou 60%, passando de 11,8% da população para 18,9%, um salto que preocupa médicos e autoridades de saúde. No município do Rio, a proporção de obesos é ainda maior do que a média do país, atinge 20,9% dos cariocas. Segundo pesquisa do Ministério Saúde, isso faz com que a cidade tenha os maiores percentuais de diabéticos (10,4%) e hipertensos (31,7%) entre as capitais brasileiras.

Os dados, apresentados ontem, fazem parte da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel). O estudo do Ministério da Saúde foi realizado com pessoas acima de 18 anos em todas as capitais, de fevereiro a dezembro de 2016.

Essa pesquisa é realizada desde 2006. E, se naquele ano, a taxa nacional de diabetes era de 5,5%, em 2016 subiu para 8,9%. No mesmo período, o de hipertensão passou de 22,5% para 25,7% no país.

A pesquisa também constata um crescimento significativo do excesso de peso — que inclui os obesos e as pessoas acima do peso ideal. Essa taxa foi de 42,6% em 2006 para 53,8% dez anos depois, o que significa que mais da metade dos adultos que vivem em capitais pesa mais do que deveria.

O endocrinologista Pedro Assed, pesquisador do Grupo de Obesidade e Transtornos Alimentares (GOTA) da PUCRio/Iede, explica que a obesidade é como uma bola de neve, que traz várias outras doenças junto com ela.

— Principalmente quando a obesidade ocasiona um aumento significativo de gordura no abdômen, ela vira um grande fator de risco para o diabetes e para o acidente vascular encefálico (AVE), conhecido como derrame. O indivíduo obeso é uma pessoa cronicamente inflamada, então estará mais propenso a uma lista enorme de problemas de saúde — ressalta ele. AMBIENTE DESFAVORÁVEL Assed também observa que a frequência e a intensidade dos exercícios físicos têm caído nos últimos anos na cidade do Rio, o que pode ajudar a explicar por que mais de 20% dos cariocas estão obesos e por que a cidade lidera em número de hipertensos e diabéticos.

— O Rio tem fama de ser um lugar onde as pessoas se exercitam ao ar livre, mas elas fazem isso cada vez menos — avalia. — Pessoas de renda baixa demoram até três horas para chegar e voltar do trabalho, comem de pé e apressadas e só conseguem ter acesso, basicamente, a comidas menos saudáveis, que são mais baratas.

Ex-presidente da Federação Mundial de Obesidade, Walmir Coutinho alerta que as atuais campanhas que promovem educação física e qualidade de vida não são eficazes.

— Existem barreiras difíceis de transpor entre a ação e a informação. Não adianta saber tudo sobre atividade física, se não houver as condições ambientais necessárias. Por exemplo, uma pessoa não vai andar de bicicleta na rua se mora em um bairro violento. Em vez disso, ficará confinada em casa, sedentária. Ingerimos cada vez mais calorias, e, enquanto isso, o nosso gasto de energia está diminuindo.

A solução passa por uma intervenção mais forte do governo federal para aumentar a divulgação para a população de informações de saúde, melhorar o acesso a medicamentos para obesidade e doenças correlacionadas, diminuir o preço de alimentos naturais e realizar mais ações de estímulo à atividade física, por exemplo. É o que destaca Rosane Kupfer, médica especialista da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM).

— Não basta mandar a pessoa caminhar e pronto. Nós ainda estamos com programas muito modestos para reverter esse quadro. O cenário já era grave em 2006, mas agora é gravíssimo — considera ela.

Entretanto, algumas mudanças positivas foram identificadas, como a diminuição no consumo de refrigerante e suco artificial: em 2007, o indicador era de 30,9% e, em 2016, foi 16,5%. Segundo Rosane Kupfer, a queda não pode ser percebida a curto prazo, mas trará ganhos para a saúde no futuro.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)